UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

QUE GRAMÁTICA ESTUDAR NA ESCOLA?
NORMA E USO NA LÍNGUA PORTUGUESA

ROSELI APARECIDA MARQUES CARVALHO

Ipatinga, MG
Junho/2015

ROSELI APARECIDA MARQUES CARVALHO

QUE GRAMÁTICA ESTUDAR NA ESCOLA? NORMA E USO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia submetida ao Curso de Letras-Português da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau em Graduada em Letras.

Orientadora: Prof.ª Dra. Ana Adelina Lôpo Ramos

Tutora: Profª. Drª. Cleide Lemes da Silva Cruz

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Ana Adelina Lopo Ramos – LIP/UnB
(Presidente)

_____

Profa. Dra. Cleide Leme da Silva Cruz – UAB/UnB
(Membro efetivo)

_____

Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva – LIP/UnB
(Membro efetivo)

Sumário

RESUMO 1

1 INTRODUÇÃO 1

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA ..... **Erro! Indicador não definido.**

2.1 Algumas definições para o termo gramática 2

2.1.2 É possível aprender e ensinar a gramática 3

2.1.3 A visão do docente sobre a realidade 5

2.1.4 Uma nova visão para o ensino de língua materna 6

2.1.5 Gramática tradicional e senso comum 7

2.1.6 “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”. 7

2.1.7 Qual gramática ensinar 8

2.1.8 Gramática Internalizada 9

3 METODOLOGIA 12

3.1 Pesquisa Bibliográfica 12

4 ANÁLISES DE DADOS 14

5 APRESENTAÇÕES DE RESULTADOS E DISCUSSÃO **14**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **15**

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **17**

8 ANEXOS **18**

RESUMO

O tema central desta pesquisa é um estudo sobre o ensino da gramática nas escolas relativo às normas e usos na língua portuguesa. A opinião dos teóricos comprovou a existência da variação na linguagem comprometendo o uso de regras gramaticais no ensino. Foram analisados dados da área da educação, coletados em pesquisas bibliográficas e entrevista a um professor, por meio dos quais se evidenciou a variação no uso da gramática nas escolas, em que tal variação ocorre pelo uso da língua em diferentes contextos, baseados nos conhecimentos da língua materna. A ação do ensino da gramática nas escolas apropria-se também dos conhecimentos das regras gramaticais para o ensino da norma padrão usadas em diversas situações formais, vivenciadas pelo usuário da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, gramática, variação linguística.

ABSTRACT

The central theme of this research is the study of grammar teaching in schools, standards and practices in Portuguese. The opinion of theorists proved the existence of the variation in language committing the use of grammar rules in teaching. Education area data were analyzed, collected in library research and interview a teacher, by means of which highlighted the variation in the use of grammar in schools in which such variation occurs by the use of language in different contexts, based on knowledge of mother tongue. The action of the teaching of grammar in schools appropriates also knowledge of grammar rules for the standard norm of teaching used in various formal situations experienced by the users of this.

KEYWORDS: Teaching, grammar, linguistic variation.

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia intitulada “Que gramática estudar nas escolas” apresenta um estudo sobre o que vem a ser norma e os usos da língua portuguesa e o papel da gramática na escola. Nesse sentido, partiremos de estudos e pesquisas já realizadas em busca de melhores resultados visando contribuir, de algum modo, com o ensino da gramática nas escolas onde a pesquisa será realizada.

A escolha por esse tema foi motivada pela necessidade de se obterem caminhos fundamentados em uma visão linguística para o ensino da gramática e que atendam às demandas dos discentes. Nesta perspectiva, a pesquisa se propõe a consultar referências bibliográficas, analisar a estrutura de um contexto escolar específico, bem como fazer uma revisão sobre o conceito de gramática. Através da aplicação de questões sobre o sistema e o uso da língua, pretende-se: a) identificar como é realizado o ensino gramatical no contexto em estudo; b) comparar as concepções das gramáticas propostas por vários autores e propor novas práticas de aprendizagem, e contribuir, para que o aluno se torne ativo na aprendizagem dos conhecimentos gramaticais.

A escolha pelo tema partiu da observação de que os professores de Língua Portuguesa têm encontrado grandes dificuldades no ensino da gramática de visão tradicional e que tais dificuldades vêm se agravando dia após dia. Com isso, os alunos concluem o ensino básico, e a maioria não domina a modalidade escrita da língua materna.

Observamos também que, na gramática de visão tradicional da língua portuguesa, há grande número de regras, as quais os estudantes não entendem com facilidade. E aí causa um trauma no educando, dificultando a aprendizagem. Diante dessa situação, percebe-se a necessidade de mudanças no ensino da gramática, descobrir um método facilitador de modo que os educandos se sintam motivados nos processos de ensino e de aprendizagem.

Atenta a vários estudos sobre o tema, notamos que a língua portuguesa dispõe de vários tipos de gramática tais como, a normativa, descritiva, gerativa e funcional. A normativa de fundamento greco-romano é predominantemente adotada

nas escolas e apresenta as chamadas regras gramaticais que são prescritivas e repressivas em relação ao falar natural dos estudantes. As outras, estudadas nos cursos de Letras, são desconhecidas pela maioria da população que tem acesso à escola. Atualmente, percebe-se que é indispensável o professor mostrar a prática de uso da norma tradicional e não somente teorias e exemplos descontextualizados. O aluno necessita saber a utilização das regras gramaticais aplicadas ao texto e, por isso, é preciso mostrar que a ausência dessas regras pode provocar o uso inadequado da língua e dificuldade de compreensão. Partindo desse ponto, surge a seguinte pergunta de pesquisa: Que gramática ensinar na escola?

Este trabalho pretende discutir algumas situações que predominam no ensino da gramática nas escolas. Através de estudos consultados, constatou-se que o ensino da gramática é bastante criticado atualmente. Os alunos têm necessidade de escrever e se expressar com desenvoltura em contextos formais da fala, mas tal ensinamento não tem contribuído para essa aprendizagem. Os professores de português têm de ensinar a norma culta, sem menosprezar os aspectos que envolvem os falares naturais de seus alunos, pois essas devem ser trabalhadas aliadas, de forma contextualizada para que o aluno perceba como se dá o uso da língua portuguesa, principalmente na escrita, (POSSENTI, 2008).

2 CONTEXTUALIZAÇÕES TEÓRICAS

2.1 Algumas definições para o termo gramática.

Serão apresentas, nesse capítulo, alguns conceitos de gramática com base em informações de estudiosos da área, e o que se percebem são algumas semelhanças nesses apontamentos com relação ao conceito em foco. Franchi (APUD POSSENTI, 2008, p. 15) defende o conceito de gramática como o aprimoramento de uma condição inerente ao ser humano – já nascer predisposto a fazer uso da linguagem. O convívio social e o próprio avançar dos tempos promovem o amadurecimento do uso da linguagem, e esta já vem acompanhada de uma estrutura gramatical. Portanto, já nascemos com a gramática internalizada, independente do ambiente escolar. Esse é um princípio da Teoria Inatista, da qual Chomsky é o principal representante. Ao defender a existência de uma gramática

internalizada, Chomsky tem a visão de que a criança nasce com uma gramática em sua mente, onde se encontram as devidas regras de todas as línguas, ou seja, informações próprias da estrutura de sua mente, a chamada Gramática Universal. A criança realiza situações mentais na qual transforma a gramática universal na gramática da língua.

Já para Possenti (2008, pp. 64-6), o termo gramática é definido como um conjunto de regras, considerando-se três pontos: “a) regras que devem ser seguidas (gramática normativa); b) regras que são seguidas (gramática descritiva); e c) regras que o falante da língua domina (gramática internalizada)”.

Antunes (2008, p. 25) disserta sobre a possibilidade de se tratar de várias temáticas no que diz respeito à gramática. A autora apresenta os seguintes tipos de gramáticas (2008, pp. 25-34):

a) Gramática 1 – funcionamento da língua com base nas regras que a definem;

b) Gramática 2 – norma culta que segue preceitos instituídos por regras gramaticais;

c) Gramática 3 – estudo acerca de questões históricas que envolvem a linguagem e a língua.

d) Gramática 4 – disciplina a ser estudada.

e) Gramática 5 – análise em relação à estrutura e à adoção de regras que determinam o uso correto da língua.

Abordando também o tema, Neves (1999, p. 13) propõe a Gramática de Usos e esta trata da gramática que é aplicada, viva, usada efetivamente nos contextos das práticas sociais.

2.1.2 É possível aprender e ensinar a gramática

No ambiente da aprendizagem, existem alguns desafios que o professor e aluno enfrentam diante de um mundo vasto de mudanças. Seus desejos, anseios e necessidades farão parte de um círculo no qual os conhecimentos poderão ser compartilhados e atualizados de acordo com a realidade de cada um.

Alguns alunos se posicionam diante da disciplina de Língua Portuguesa, apresentando a dificuldade de aprender as regras gramaticais; por outro lado, os professores se queixam de que os alunos escrevem mal por não conhecerem tais regras. Talvez seja possível interpretarmos tais falas analisando a seguinte afirmação: a gramática pela gramática não se justifica, portanto, também não justifica o ensino de língua portuguesa, pois a tradição escolar tem demonstrado que esse modo de ensinar não representa, na realidade, efeitos satisfatórios em termo de uso efetivo da língua, nem do ponto de vista da modalidade falada em situações formais, nem, e principalmente, do ponto de vista da língua escrita.

É no ambiente escolar que o discente encontrará conhecimento, mas é necessário que ele seja hábil nos estudos, e a língua portuguesa é a disciplina que prepara os alunos para o aprendizado de todas as outras disciplinas, por isso mesmo, deverá ser referência, e não um obstáculo a ser vencido. O educador deverá mostrar aos alunos que a língua é cultura de um povo.

O aluno não será atraído pelo aprendizado de uma disciplina que acaba por afastá-lo do aprendizado, visto que decorar nomenclaturas e regras não tem utilidade prática para o aluno.

Sobre o termo “regras”, Possenti (2008, p. 73) expõe com muita propriedade o significado. Há dois sentidos em que se pode falar de regras: um deles traz a ideia de obrigação. [...] Regras é algo que alguém obedece, sob pena de alguma sanção. É nesse sentido que se fala das regras de etiqueta e do **bom comportamento**. [...] O outro sentido traz a ideia de regularidade e constância, aproximando-se da noção de lei no sentido de **leis da natureza**. [1]

Segundo o autor, a relação entre o ensino de gramática e a ideia de certo e de errado não contribui para o aprendizado de uma língua, por se entender que essa é um heterogêneo sistema de variedades. Por isso mesmo, saber gramática não tem o valor de mais ou menos “sofisticação mental ou comunicativa” (POSSENTI, 2008). A gramática é importante desde que ela possa ser praticada, usada.

Dando valor significativo ao ensino de gramática tradicional, fica mais claro para o aluno entender o uso das regras, pois ele não começa estudando-as, e sim entendendo a aplicabilidade destas (POSSENTI, 2008).

O aluno entende melhor a gramática se vê-la e exercitá-la em um texto, pois é no texto que se apropria de conhecimentos e terá uma noção de sua própria

existência sendo agente de seu próprio ler e dizer. Aprender as regras gramaticais por frases soltas dificultará a aprendizagem, sem perspectivas de entendimento delas e de como elas podem ser consideradas para leitura e produção de um texto, elemento mínimo de unidade de sentidos.

Os processos de ensino e de aprendizagem dependem da interação do professor e aluno. Se não houver uma relação de dialógica entre ambos, dificilmente acontecerá a eficiência da aprendizagem. Para isso, é preciso que o professor se sinta realizado profissionalmente e os alunos tenham interesse no desenvolvimento da aprendizagem.

.

2.1.3 A visão do docente sobre a realidade

Neves (2005, p. 31) apresenta o clima reinante entre os professores de Língua Portuguesa. Esses se posicionam diante de sua própria atuação, dos alunos e da instituição escolar. Seguem as conclusões da autora:

a) O relato diante de suas próprias atuações – ganham mal, trabalham em mais de uma escola, não têm tempo de se aprimorarem, não se consideram respeitados.

b) Diante da atuação dos alunos – os professores não veem empenho e dedicação dos alunos, o comportamento em sala é ruim, são dispersos e não valorizam a oportunidade de aprendizado em sala de aula.

c) Diante das posições adotadas pelas instituições – excesso de burocracia e de trabalho para o professor, condições de trabalho do professor não condizentes com a função.

A autora enfatiza a ideia de que os professores apontam como possíveis soluções para a melhoria no ensino de Língua Portuguesa – cursos de aperfeiçoamento, material didático adequado à realidade do ensino de língua materna, orientação para que novas ações sejam adotadas.

Para a autora, os professores procuram assegurar a seus alunos a condição de classificar as orações substantivas (2005, p. 31), o que é meramente a conquista da nomenclatura. Ou seja, o aluno tem excelente aprendizado se consegue classificar uma oração. Mas é isso que se quer com o ensino de gramática? Qual, então o papel que a gramática efetivamente cumpre no processo de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa.

2.1.4 Uma nova visão para o ensino de língua materna

Segundo Neves (2008, p. 55), não há motivos para que se descarte a prescrição, que é ponto significativo para a escrita formal, pois é necessário que se tenha certo padrão uniforme a seguir. A questão é que tal padrão deveria sair de um movimento invertido ao que vemos: do uso para as normas, “sem autoridade de quem quer que seja”, afirma a autora.

Trabalhar com as normas a partir da observação há, pois, maiores possibilidades de percepção da gramática. Por exemplo, a definição (verbo intransitivo: é aquele que não pede complemento) não deve ser ensinada como regra fixa. Senão vejamos: na oração *Ele agiu* sugere um complemento, mesmo que esse seja uma circunstância de tempo, modo, lugar instrumento etc.. Ele agiu como, de que maneira? A frase correta seria: *Ele agiu corretamente / decentemente / cautelosamente*.

É indiscutível que a escola deva dar “vivência plena à língua materna” (NEVES, 2008, p. 94) de modo que todas as formas de linguagem devam ser vistas pelo aluno pela importância que todas têm: língua falada e escrita; linguagem padrão e não-padrão. É também função da escola dar ao aluno o direito de ele aprender promovendo-se, desse modo, um encontro bem sucedido com a variedade de língua materna que ele não tem em seu ambiente externo: o bom exercício da língua escrita e da norma-padrão.

Não há motivo para se ver o ensino da língua como castração e o da língua falada como terra sem lei. NEVES (2008, p. 109). Com muita propriedade, diz a autora:

> Uma pergunta é crucial: Não será uma boa lição para os professores de língua pátria o fato de que as crianças e jovens detestam fazer as redações que pedimos, e, no entanto, gostam de entrar na linguagem da Internet, onde à vontade acionam, com caracteres **escritos** (grifo nosso), suas capacidades de usuário da língua? Exatamente aquelas capacidades inatas que ignoramos quando os submetemos a essa espécie de adestramento.

Tal questionamento deve ser analisado para haver um ensino de língua materna na modalidade escrita, baseando na capacidade de aprendizagem e

levando-se em consideração os conhecimentos adquiridos ao longo da vida do educando, (NEVES, 2008).

2.1.5 Gramática tradicional e senso comum

Segundo Bagno (2005, p.15), o preconceito linguístico manifesta a ideologia cristalizada há séculos e que fundamenta a Gramática Tradicional (GT), materializada no gênero literário, conhecido como gramática normativa (GN). O autor faz o uso de uma metáfora simples para distinguir a gramática tradicional da gramática normativa: A GT é a “doutrina” (a ideologia) que dá vigor ao “ser” ao objeto, material, que podemos adquirir, manusear e submeter aos nossos sentidos, chamada gramática normativa. A GT estaria no mundo numênico, no “plano de ideias” de Platão, e a GN no mundo fenomênico, *mundus, sensibilis*, físico. Por isso, as gramáticas normativas se diferem uma das outras, e apresentam mudanças ao longo do tempo, quando comparadas no nível do gênero literário, e também variações idiossincráticas, quando são comparadas entre si como obras individuais.

A análise de Marcos Bagno visa demonstrar a instrumentalização da Gramática Tradicional como suporte do “discurso político e administrativo” que não finalizou com o fim da Idade Média, permanecendo viva até hoje. A Gramática Tradicional, não há dúvidas, é um patrimônio cultural do Ocidente, de saberes acumulados ao longo de mais de dois milênios.

Com isso, Bagno (2005, p.16) defende a ideia de que a Gramática Tradicional até hoje é o ponto de partida, o pano de fundo da atividade científica e especulativa da linguística e da Filosofia da linguagem. E que devemos lutar contra os usos e os abusos perpetrados por aqueles que arrancando a Gramática Tradicional do lugar que legitimamente é o seu: o da reflexão filosófica, o de ferramenta de investigação dos processos cognitivos que permitem ao ser humano fazer uso da linguagem, nos quais nomeou o papel de doutrina canônica, de verdades eternas.

2.1.6 É preciso saber gramática para falar e escrever bem

As primeiras palavras da Gramática de Cipro e Infante (1998) são: “A gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua.” Saber a gramática para falar e escrever bem está no pensamento de várias pessoas e na prática pedagógica da maioria dos professores. Os pais atentam para essa particularidade de ensino, pois, para eles, tal ensinamento é primordial na construção dos conhecimentos dos filhos. Para Bagno (1999) essa declaração é um mito, pois se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores e os bons escritores seriam melhores gramáticos.

Ao longo do tempo, aconteceu uma inversão da realidade histórica, na qual as gramáticas foram escritas para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas pelos escritores, considerados exemplos para a sociedade. Então a gramática normativa passou a ser vista como decorrência da língua, e a gramática um instrumento de poder e de controle. E aí, surgiu a concepção de que os falantes e escritores da língua necessitam da gramática, considerada “bonita e correta”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática, e o termo que não era presente na gramática normativa, não era considerado português. E os conceitos gramaticais eram vistos como se fossem um livro sagrado cujas regras teriam de ser obedecidas, para não cometer nenhum deslize na língua falada e escrita (Bagno,1999).

A gramática normativa tradicional estabelece a norma culta, pois esta existe, e a função da gramática seria definir, identificar e localizar os falantes cultos, tornando a língua usada por eles uma língua clara, objetiva e com critérios metodológicos coerentes.

Necessitamos hoje de uma descrição detalhada e realista da norma culta objetiva, que seja baseada em coletas confiáveis, na qual se utilizam recursos inovados avançados e que sirva de base aos processos de ensino e de aprendizagem na escola e não uma norma fictícia inspirada numa língua baseada na literatura particular dos grandes escritores.

E assim sabemos que não é a gramática normativa que faz a existência de um padrão linguístico uniforme, pois este já é frequente o uso na sociedade.

2.1.7 Qual gramática ensinar

A gramática defendida para ser ensinada nas escolas é a Gramática Universal ou internalizada. Esta gramática trata da habilidade do falante, desde o momento em que ele começa a exercer os primeiros contatos com a linguagem. Inicia com a aquisição da fala que, estando certo ou errado segundo os padrões formais, possui condições de ordenar suas ideias e expressar seu raciocínio, conferindo assim um sentido lógico ao discurso que profere.

O professor poderá trabalhar diversas áreas da língua portuguesa, como a gramática, produção textual, leitura de forma contextualizada e dinâmica.

2.1.8 Gramática Internalizada

Possenti (2004 p. 69) define gramática internalizada como o conjunto de regras que o falante domina. Isso significa que o falante, mesmo sem ter frequentado a escola, possuiu conhecimento gramatical suficiente para se comunicar. Devida à gramática internalizada, as crianças nos primeiros anos de vida conseguem se comunicar, apesar das frases não terem coesão.

Nessa perspectiva de gramática internalizada, as crianças logo nos primeiros anos de vida, conseguem se comunicar, apesar das frases não terem coesão aparente.

Para ilustrar essa afirmação, recuperemos seguinte o exemplo apresentado por Antunes (2007, p. 27):

– Quem quer falar com a vovó? Pergunta a mãe de um garoto e ele responde:

– Eu quero! – ou, simplesmente:

– Eu.

Ambas as respostas estão corretas. Na primeira frase a criança utilizou uma estrutura mais complexa, na segunda, ela omite o verbo. Dependendo da idade, a criança utiliza uma estrutura mais secundária, como “eu qué”, ou “qué”.

Antunes (2007,) coloca ainda que: Se uma criança diz “minhas colegas e meus colegos”, “um algodão” e “um algodinho”, é porque já domina as regras morfossintáticas de

indicação do masculino e do feminino, bem como as regras de indicação do aumentativo e do diminutivo em português. Ou seja, já sabe esses pontos da gramática (p. 27).

Scherre (apud Antunes, 2007 p.27) afirma ainda que “com 3 anos de idade, qualquer criança de qualquer parte do mundo se comunica com estruturas linguísticas complexas”.

A gramática internalizada trata-se da habilidade do falante desde o momento em que ele começa a exercer os primeiros contatos com a linguagem, ou seja, quando começa a aquisição da fala, que estando certo ou errado dentro dos padrões for*mai*s, ordena suas ideias e expressa seus pensamentos, dando um sentido lógico ao discurso falado.

Conjunto de regras que o falante domina seria mais uma definição da gramática internalizada. Refere-se a hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou um enumerado de palavras de fáceis entendimentos e reconhecido como pertencentes a uma língua. Diante da frase “Os meninos apanham as goiabas” ou “os menino panha as goiaba”, qualquer falante da língua portuguesa sabe que são frases próprias da sua língua. Isso tem a ver com aspectos observáveis das próprias frases, desde os sons até a forma das palavras e a sequência.

Pode-se dizer que tal conhecimento é lexical e sintático-semântico. O conhecimento lexical é a capacidade de empregar as palavras adequadas próprias da língua e o conhecimento sintático-semântico é a distribuição das palavras na sentença e o efeito que tal distribuição tem para o sentido real da palavra. O léxico implica a sintaxe-semântica, na medida em que as palavras têm exigências em relação ao outro nível. Por exemplo, para empregar a palavra “dizer” é necessário saber o significado e, saber o que ela significa tem a ver também com exigir que esse verbo tenha um sujeito e um complemento. Diante da sentença “E a raposa disse para o corvo...”, o falante tem duas alternativas: ou acha a frase sem sentido, já que as raposas não falam ou tem que colocar-se no mundo da fantasia, que seria a alternativa mais comum. Se ouvirmos a expressão “O meu mãe não gosta”, o falante de português tem de novo concluir: ou há um problema de regra violada, ou supõe que o falante é estrangeiro.

Existem dois fatores linguísticos que podem ser interpretados como dois argumentos a favor da existência de gramáticas internalizadas, ou seja, na opinião dos falantes, e que funcionam como a fonte das formas linguísticas produzidas. É no limite entre o aceitável e o não aceitável que estão os melhores materiais para o acesso a supostas propriedades mentais. Os dados em questão provêm da fase de aquisição de uma língua e de fases de mudanças de dialetos pelos adultos, embora não exclusivamente.

Na aquisição do conhecimento, uma versão diz que aprendemos por repetição, em particular o conhecimento gramatical. Falamos o que ouvimos, a não ser as crianças, às vezes produzem pelo menos algumas formas que nunca ouvem sempre, ou podem até ouvi-las de outras crianças. Tais formas são tipicamente regularizadoras de formas irregulares. Os exemplos mais usados são formas verbais como “eu sabo”, “eu cabo”, “eu fazi”, “ele iu”, etc. Podem ocorrer fatos semelhantes com crianças de outras nacionalidades aprendendo outras línguas. Os pais e professores podem considerar tal erro pronunciado pelas crianças um fator normal, mal seria se não cometessem erros linguísticos. Seria então um sintoma de um cérebro pouco ativo, com problemas para uma aprendizagem autônoma.

Para explicar estas formas na fala infantil é que as crianças aprenderam regras de conjugação verbal, e é na aplicação dessas regras que produzem tais formas. A rigor, poderia valer esta afirmação, se admitisse que o aprendizado de certas regras se faça pela repetição. Mesmo assim, haveria um estágio em que a produção das sequências seria ativa, e resultaria da aplicação de regras conhecidas, internalizadas. E isso que é de fato relevante. (Sírio Possenti,1996 p.69)

As hipercorreções são outros exemplos. Falantes do meio rural ou com pouca instrução produzem formas como “meu fio” (filho). Se tiverem contato com falantes de grupos que falam palavras cultas, poderá ocorrer que apliquem a regra que muda “fio” em “filho”, ou palavras como palhaço, telha etc. Sempre pode ocorrer essa correção, se o contexto for o mesmo ou semelhante.

Pode-se comparar o que ocorre com os comandos dos processadores de textos usados em microcomputadores. Se alguém quer substituir uma palavra por outra num texto, ao invés de alterar uma ocorrência de cada vez, pode dar um

comando ao computador, que substituirá todas as ocorrências de “ele” pela forma “ela”. O computador mudará todas as ocorrências de “ele” em “ela”, todas as ocorrências de “aquele” em “aquela”, que poderá ser desejado pelo autor, mas mudará sequências como “elemento” em elamento. O que certamente é hipercorrigir. O resultado não é bom, mas pelo menos descobre como funciona um programa computacional. Sem apegar à metáfora computacional, esse exemplo serve para explicar o funcionamento do cérebro, e a hipótese da gramática internalizada. (Sírio Possenti, 1996 p. 70-71)

3 METODOLOGIA

O método utilizado no desenvolvimento da pesquisa foi de cunho qualitativo-interpretativista, e consistiu em investigação bibliográfica, portanto, documental, e de análise de entrevistas. A pesquisa de natureza aplicada foi centrada em pesquisa exploratória e explicativa. As informações recolhidas para o estudo com foco no uso da gramática utilizada por escolas, o que envolveu análises da metodologia de ensino utilizadas pelos docentes.

A coleta de dados realizada a partir de questionário foi a partir de informações fornecidas por um professor de Língua Portuguesa da escola Instituto Educacional Mayrink Vieira, da cidade Ipatinga, Minas Gerais.

3.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa, a produção e o aprofundamento dos conhecimentos. Pode-se dizer que a pesquisa é antiga quanto à evolução da espécie humana. Era conhecida como estudo teórico, no início da civilização e com a chegada da Idade Média e do Renascimento que surgiram bases para construção do conhecimento de forma sistematizada. Contudo, na contemporaneidade que relacionamos a teoria com a prática.

A pesquisa bibliográfica voltada para o estudo e análise “de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos”. A pesquisa documental se assemelha a pesquisa

bibliográfica, contudo a busca de informações é dirigida a documentos que “não recebem nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações...”.

A partir da década de 1980, novos métodos surgiram para a realização de pesquisas no qual, a pesquisa qualitativa e a quantitativa são vistas como rigor científico para a construção de tais fontes investigadoras. “A pesquisa qualitativa tem o intuito da amplitude dos temas pesquisados com diferentes conhecimentos traduzindo-os em formas criativas e inovadoras” (CHIZZOTTI, 2003, p. 230).

“A interação entre as pesquisas quantitativas e qualitativas colaboram com o aumento nível de credibilidade e validade aos resultados da pesquisa” (OLIVEIRA, 2010, P. 39) e propicia a complementaridade entre elas. Enquanto na pesquisa quantitativa a maior crítica deve-se a não consideração pela realidade social, pela sua cosmovisão, etc., na pesquisa qualitativa, a crítica é feita de acordo com os resultados das análises feitos de forma subjetiva. Assim, a interação entre elas não invalida as pesquisas; pelo contrário, como sustenta Oliveira (2010), colabora para evitar o “reducionismo” a que cada um dos tipos de pesquisa possa estar sujeito.

A pesquisa qualitativa é uma investigação com o exame de dados em um tipo de profundidade que não é captada pelos números, tabelas, e dados quantitativos, mesmo quando não são representados a outros estudos. Creswell (2007, p. 35) define a pesquisa qualitativa como aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas ou em ambas”.

A análise documental é aquela realizada a partir de documentos contemporâneos ou retrospectivos considerados autênticos, no qual, constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa. É realizada em fontes como tabelas estatísticas, cartas, pareceres, fotografias, atas, relatórios, obras originais de qualquer natureza, notas, diários, projetos de lei, ofícios, discursos, mapas, testamentos, inventários, informativos, documentos de repartições públicas, associações, igrejas, hospitais, sindicatos (Santos 2000).

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, pois poderá complementar novas informações por outras técnicas ou desvendar aspectos novos de um tema ou problema (Locke e André, 1986). Com isso, possibilitará um amplo conhecimento sobre o uso da gramática nas escolas, através de novas técnicas, propícias aos ensinamentos.

A entrevista também é uma técnica bastante utilizada nos trabalhos de estudo. “Vergara (2009, p. 3) define entrevista como uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo”. Creswel (2007) explica que a entrevista pode ser feita face a face, por telefone (ou outro meio de comunicação), ou em “grupos focais”.

4 ANÁLISES DE DADOS

A partir de referências bibliográficas e conscientes do ensino da gramática normativa, que ainda é uma realidade presente nas escolas, foi feito uma entrevista com a professora de português. Tal entrevista proporcionou a verificação ao ensino dos conteúdos gramaticais, aos seus discentes. Esse posicionamento é de vital importância nessa pesquisa, pois poderá nos esclarecer a visão do ensinamento exercido pelo corpo discente, diante aos seus alunos.

Nesse estudo, uma professora da Língua Portuguesa das séries finais do ensino fundamental respondeu um questionário, composto por oito perguntas abertas, o qual permitiu conhecer a forma utilizada em seus ensinamentos. Para ela, é fundamental o ensino da gramática de forma contextualizada, para uma boa aprendizagem dos discentes.

Através da pesquisa bibliográfica e qualitativa, percebe-se, que alguns professores ainda usam a gramática de forma descontextualizada, ou seja, o ensino de frases soltas com o auxílio do livro didático. Por isso, percebemos a grande deficiência dos alunos em produção textual, pois, para produzir um texto, precisa ter bagagem suficiente para expor o raciocínio e a gramática estudada de forma separada, não ocorre uma interação da língua.

Ensinar ou não a gramática: eis a questão. A gramática deve ser ensinada sim, mas de forma correta, e os métodos de ensino devem estar de acordo com teoria aplicada pelos pesquisadores, e que segundo eles, a gramática a ensinar é a Universal ou Internalizada. Deverá também levar em consideração, as habilidades da língua materna do falante, para aquisição do conhecimento. Com isso, o aprendiz terá condições de assimilar e ordenar as ideias inseridas ao discurso, de forma culta.

5 APRESENTAÇÕES DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi analisado o processo ensino-aprendizagem da gramática nas escolas. Ficou esclarecido que a gramática normativa ainda predomina tal ensino, pois uma professora de Língua Portuguesa me informou que a prática é diferente da teoria, e que ensinar a gramática ainda é usado de maneira tradicional em muitas escolas. Com isso, percebem-se as dificuldades dos discentes em assimilar a aprendizagem, pois não se aprendem as regras gramaticais presentes nas gramáticas e livros didáticos.

Em respostas ao questionário, ficou entendido que o ensino da gramática deve estimular o aluno a refletir sobre a língua, dando possibilidade de usar determinadas palavras e realizar diferentes atividades, sistematizando seu conhecimento.

Quanto ao ensino das regras gramaticais, ficou ignorado, mas que deve ser aplicada às vezes, pois, para o bom funcionamento da língua em situações reais, exige um conhecimento gramatical. E aí, recomenda-se o uso de uma gramática, mas que seja uma gramática moderna.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na execução deste trabalho, atentou-se para se fazer uma pesquisa bibliográfica com o propósito de saber o ponto de vista dos teóricos em relação ao ensino da gramática e a metodologia de ensino da Língua Portuguesa, mas especificamente sobre a gramática utilizada em uma sala de aula de uma escola pública da cidade de Ipatinga, Minas Gerais. Ler e escrever devem ser principais dentro das atividades pedagógicas, pois são fundamentais para a geração dos saberes. Nesse sentido, pôde ser verificado na pesquisa bibliográfica e na análise de entrevista que as escolhas que os docentes fazem em relação à concepção de linguagem ou de gramática se reflete em suas práticas pedagógicas. Essa visão é a de que linguagem e gramática são entendidas como um meio de interação entre o falante da língua portuguesa e que essa interação é mediada por textos, pois é nessa instância que o usuário da língua se organiza e transmite ideias, informações e opiniões. Nesse sentido, observa-se que é importante que na escola os alunos tenham a oportunidade de conhecer as regras da norma-padrão, permitindo-lhes fazer as escolhas condizentes ao ambiente no qual se encontre.

Estudiosos como Possenti (2008), Antunes (2008), Neves (1999), Bagno (2005), entre outros, fazem parte da base teórica deste trabalho, a qual é constituída de investigação bibliográfica, pesquisa documental e análise de entrevistas, com a finalidade de investigar uma possibilidade de ensinar a gramática adequadamente nas escolas. A pesquisa de natureza qualitativa esteve centrada em oferecer argumentos importantes para refletir sobre o tema no âmbito dos processos de ensino.

Atenta a várias fontes bibliográficas, conheci as opiniões dos teóricos e conclui que a gramática deve ser ensinada, sim, mas de maneira apropriada. Os métodos de ensino devem estar de acordo com teoria aplicada pelos autores, e segundo eles, os professores devem adotar metodologias adequadas para o desenvolvimento da gramática internalizada, de modo que conduzem os aprendizes à aprendizagem do padrão da escrita. Segundo os teóricos, é necessário também que o professor, ao ensinar a gramática observar as habilidades da língua materna do falante, para aplicação dos procedimentos à aquisição do processo ensino - aprendizagem.

O objetivo desta pesquisa foi verificar e comparar as concepções do termo gramática propostas por vários autores e foram apresentados algumas recomendações por parte dos autores, que podem orientar o professor no ensino da gramática da língua. O professor deverá ensinar a gramática através de textos atuais, levando em consideração os conhecimentos da língua materna do aprendiz.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo se baseou em pesquisa qualitativa-interpretativista, que consistiu em investigação bibliográfica, documental, e de análise de entrevistas. A pesquisa foi de natureza aplicada e centrou-se em pesquisa exploratória e explicativa. Para o desenvolvimento do trabalho, procurou-se fazer um estudo a fim de conhecer os procedimentos metodológicos pelos docentes no ensino da gramática nas escolas. Procurou-se fazer uma pesquisa comparando as ideias dos teóricos e a opinião de um professor, considerando as práticas pedagógicas referentes ao ensino da gramática.

A partir dos resultados obtidos, observou-se a importância do ensino da gramática nas escolas. Segundo os teóricos, tal ensino deverá ser de maneira apropriada, baseados em conhecimentos já adquiridos pelos alunos em sua língua materna. Eles ressaltam também a importância dos alunos conhecerem as regras da

norma padrão, contudo, podendo usá-las de acordo com seu convívio social. Observou-se também que nas práticas pedagógicas dos docentes relacionados ao ensino da gramática, raramente predomina o uso de regras gramaticais de tradição greco-romana. Constatou-se que a professora entrevistada procura ensinar aos seus discentes métodos modernos de ensino, como a gramática internalizada, ou seja, considerando a aprendizagem que o aluno possui, ela introduz novo ensinamento, sistematizando-os. Tal ensinamento é relacionado aos conhecimentos dos alunos com introdução de textos atuais.

Enfim, com base nos estudos relacionados ao ensino da gramática, evidencia-se que as conclusões a partir dos dados coletados não se esgotam nesta investigação. Tais estudos oferecem novas propostas e reflexões que possam contribuir em estudos posteriores para uma metodologia inovadora e competente ao ensino da gramática. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa possa auxiliar com a reflexão sobre um ensino e uma aprendizagem da gramática da língua portuguesa, de modo a colaborar com a conscientização dos professores em sua prática pedagógica.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da *Gramática* Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da Gramática**. São Paulo: Parábola, 2008

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**, São Paulo: Loyola, 2000

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-Ricardo, Rosineide Magalhães de Souza, Vera Aparecida de Lucas Freitas, Veruska Ribeiro Machado, **Por que a Escola Não Ensina Gramática Assim?** Parábola Editorial, 2014

CORSETTI, Berenice. **Análise documental no contexto da metodologia qualitativa**. **UNIrevista**, vol. 1, n° 1: 32-46 (janeiro 2006). Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf> Acesso em: 21 de maio de 2015.

DÉBORA, ANDREA E PATRÍCIA (2007: 1-17)

In OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Síntese Cap. 03 – "**Conhecendo alguns tipos de pesquisa"** 3. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Disponível em https://prezi.com/nujorzqhai48/cap-03-conhecendo-alguns-tipos-de-pesquisa/ Acesso em 25 de maio de 2015por Facin Facinem

JUNIOR E RAIMUNDO (2009)

NEVES, Mª Helena de Moura. **Gramática na Escola**. São Paulo: Contexto, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos**. São Paulo: UNESP, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**, Campinas, São Paulo 1996.

9 ANEXOS

Entrevista a uma professora de Língua Portuguesa

A professora é graduada em Letras e trabalha com as séries finais do ensino fundamental.

1- Você acha importante o ensino da gramática nas escolas?

O ensino da gramática é importante sim, pois ensina os discentes a falar a língua padrão, preparando-os para a aquisição da língua portuguesa em diversas situações em seu cotidiano.

2- Qual tipo de gramática mais usada hoje nas aulas de Língua Portuguesa?

A gramática ensinada é a universal.

3- Qual método que você utiliza para ensinar a gramática aos seus alunos?

Procuro ensinar introduzindo novos conhecimentos através de textos atuais e conciliando os conhecimentos da língua materna a novos conhecimentos.

4- Você acha que é preciso saber gramática para falar e escrever bem?

A preparação do aluno para um concurso, vestibular e no mercado de trabalho exige uma boa formação, principalmente escrever e falar a língua padrão e então há necessidade que sejam cultos e formais diante da situação que poderá necessitar ao longo de sua vida.

5- Alguns alunos apresentam dificuldades no ensino da gramática, por não aprenderem as regras gramaticais. Você acha importante saber tais regras no ensino da Língua Portuguesa?

Aprender algumas regras é importante na aquisição da língua portuguesa, pois tornará a aprendizagem adequada em diferentes contextos.

6- O aluno entende a gramática se vê-la e exercitar em um texto. Como você relaciona o ensino da gramática a partir de um “texto”?

Ensinar frases soltas fica sem sentido, e os textos farão os alunos refletirem sobre os elementos gramaticais necessários a aprendizagem, proporcionando uma aprendizagem mais natural e motivadora. Mas é necessário que seja textos interessantes e investigadores.

7- A gramática defendida para ser ensinada nas escolas é a Gramática Universal ou internalizada. Esta gramática trata da habilidade do falante, desde o momento em que ele começa a exercer os primeiros contatos com a linguagem. Inicia com

a aquisição da fala que, estando certo ou errado segundo os padrões formais, possui condições de ordenar suas ideias e expressar seu raciocínio, conferindo assim um sentido lógico ao discurso que profere. A partir dessa informação, quais atividades da língua portuguesa o professor deve trabalhar para a aquisição da aprendizagem da gramática na sala de aula?

O professor poderá trabalhar com produções de textos, leitura e interpretação, histórias em quadrinhos, charges e etc.

8- Na gramática internalizada, na aquisição do conhecimento, uma versão diz que aprendemos por repetição, em particular o conhecimento gramatical. Falamos o que ouvimos, a não ser as crianças, às vezes produzem pelo menos algumas formas que nunca ouvem sempre, ou podem até ouvi-las de outras crianças. É importante que o professor de Língua Portuguesa esteja sempre atualizado com seus ensinamentos? O que ele deve fazer para se atualizar?

O professor deverá sempre atualizar seus conhecimentos, fazendo cursos modernos e especializados na área, para realização do ensino com qualidade.